

A guerra e a tradição

Há 190 anos, RS se rebelava contra o Império e forjava uma cultura regional

Impacto da Revolução Farroupilha persiste até hoje na criação da identidade do gaúcho

Juliano Tatsch

Foi em 1º de março de 1845, um sábado, em Ponche Verde, região que pertencia na época ao município de Dom Pedrito, que o então Barão de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, e o general Farroupilha David Canabarro assinaram o tratado que encerrou as hostilidades e deu fim àquele que foi o mais longo conflito armado civil ocorrido no Brasil em toda a sua história.

Há 190 anos o RS entrava em guerra contra o império, e há 180 anos, a paz voltou a se fazer presente nestas bandas ao Sul do Brasil após uma década em que os campos do Pampa gaúcho se tornaram cenários de batalhas e escaramuças, onde o tilintar das espadas se chocando se misturou com os estampidos e explosões dos canhões e pistolas e o sangue que manchou a terra desenhou uma tradição e escreveu um dos capítulos mais extraordinários da história gaúcha e brasileira.

A guerra não foi uma das mais mortíferas já ocorridas no País – estimativas apontam entre 2,9 mil a 3,4 mil mortes no período, o que daria menos de uma morte por dia. Em termos de comparação, a Guerra do Contestado, que ocorreu entre 1912 e 1916 em Santa Catarina e no

Paraná teria resultado na morte de até 20 mil pessoas.

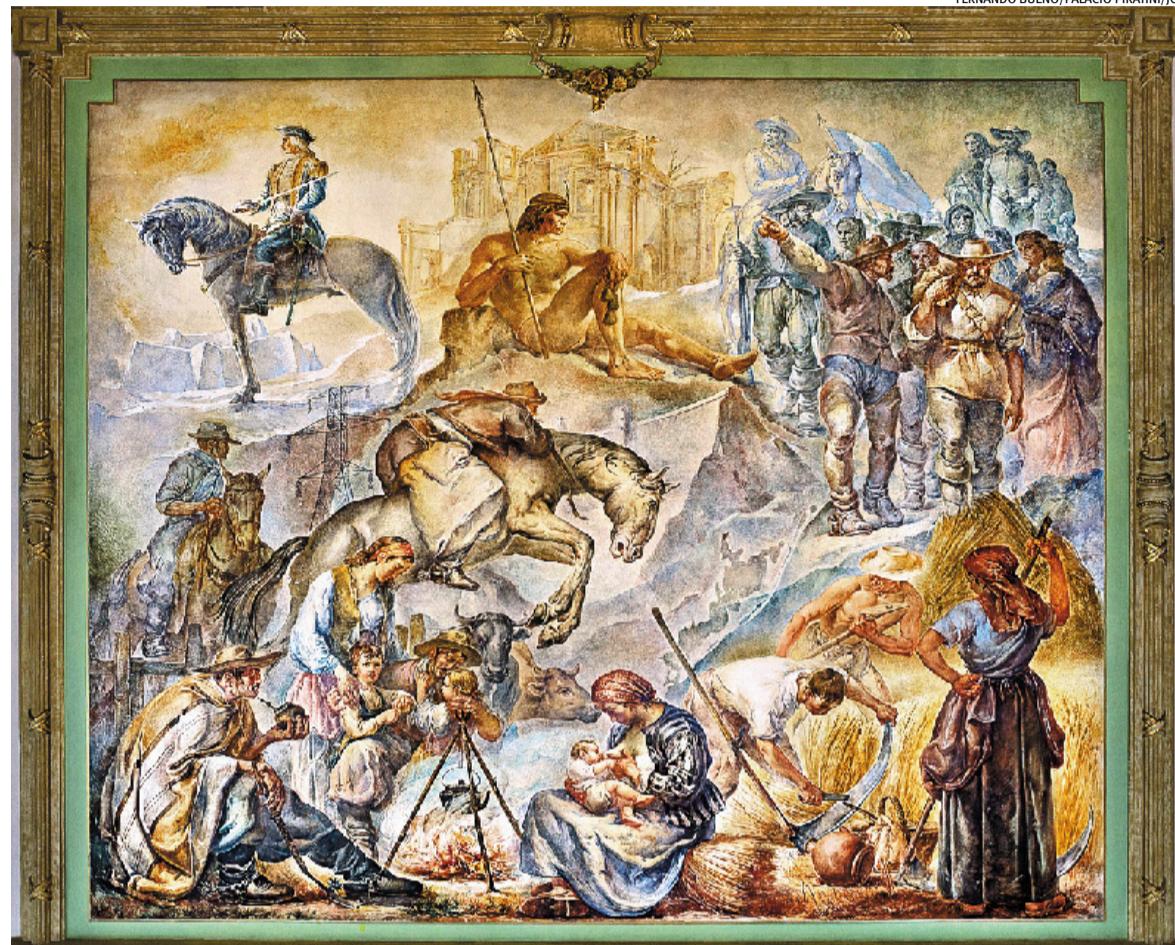
Mas o impacto da Revolução Farroupilha não se dá em razão dos números. O imaginário é algo que não se contabiliza em dados, a cultura está além das planilhas, dos livros e pesquisas, a tradição não se alimenta de análises.

É costume se dizer que o gaúcho é muito bairrista, que valoriza além da conta as suas coisas, seus feitos, que é deveras apegado àquilo que é seu. De certa forma, isso está certo. E, muito provavelmente, por isso mesmo, conseguiu romper as fronteiras geográficas, simbólicas e culturais que a distância e a diversidade nacional impõem a tudo aquilo que não está no centro.

O célebre escritor russo Liev Tolstoi (1828-1910) cunhou uma frase que dá o tom de como o apego àquilo que é seu impacta na repercussão e no alcance geral das coisas feitas localmente: "Se queres ser universal começas por pintar a tua aldeia."

E, se tem uma coisa que o gaúcho sabe fazer bem é pintar a sua aldeia com cores vivas e vibrantes. Cores que se desfraldam na bandeira e que se tornam voz ao ressoar das primeiras notas do hino rio-grandense.

No dicionário, o significado da palavra tradição é "comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes, de geração para geração". No Rio Grande do Sul, a exaltação das coisas locais teve início em momento de massificação cultural no pós-guerra, na segunda metade da década de 1940.



"A formação histórico-ethnográfica do Rio Grande do Sul", de Aldo Locatelli, está exposta no Palácio Piratini

O filósofo francês Gilles Lipovetsky salienta "quanto mais o mundo se globaliza, mais os particularismos e as exigências identitárias ganham importância". Ou seja, paralelamente ao declínio das identidades nacionais, caminha a ascensão das identidades regionais, como uma forma de resistência a esse movimento de unificação cultural global.

E foi exatamente isso que se deu no RS. A própria Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) aprovada em 1961 indica quais os objetivos do movimento.

Além de "cultivar e difundir nossa história, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade" e promover "uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho", o movimento coloca como um dos seus princípios "criar

barreiras aos fatores e ideias (...) que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendor naturais do nosso povo", e "zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos".

Ou seja, o movimento tradicionalista surge com esse olhar profundamente local, com uma dose de repúdio às coisas que vêm de fora objetivando preservar e realçar o que chamava de "costumes autênticos".

Costumes esses que, na prática, são resultado de um grande caldeirão cultural, que reúne ingredientes de diversas fontes.

O gaúcho em si, esse indivíduo pintado como um tipo social único, enraizado no Pampa, como se tivesse brotado pronto da terra, é, na verdade, uma figura de uma diversidade ímpar. O homem que vivia nessa região ao Sul do continente

era um indivíduo com características fronteiriças, fruto de grande miscigenação de etnias e com forte influência indígena.

Essa formação tão diversificada se deu naturalmente, pelo convívio e troca culturais e pode ser conferida na obra "A formação histórico-ethnográfica do Rio Grande do Sul" (1955), do artista Aldo Locatelli, exposta no Palácio Piratini, em Porto Alegre.

Ali estão presentes o português, o indígena, a mulher, o tropeiro, o camponês. A grande ausência sentida no afresco do artista é a do negro.

Mulheres e homens negros tiveram papel fundamental na formação do Rio Grande do Sul, seja pela contribuição cultural, seja pela força de trabalho, seja pela bravura nos campos de batalha. Ainda assim, foram esquecidos na obra que retrata a formação do povo gaúcho.

Acampamento Farroupilha espera receber mais de 2 milhões de pessoas

Pela 43ª vez, gaúchos e gaúchas se reúnem no Acampamento Farroupilha para celebrar o 20 de Setembro e valorizar a cultura e as tradições regionais. Aberto oficialmente no dia 7 de Setembro, o evento segue até 21 de setembro, no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, reunindo 236 piquetes em uma área de 100 mil metros quadrados.

A programação cultural tem como tema Ondas curtas para uma história longa – o centenário de Darcy Fagundes e os 70 anos do

Grande Rodeio Coringa.

A expectativa é ultrapassar 2 milhões de pessoas no evento, que funciona de domingo a domingo, das 9h às 24h. O patrono é o tradicionalista Rene Barbachan, um dos pioneiros do acampamento.

Mais de 120 atrações musicais e artísticas estão programadas para ocorrerem nos palcos. Os shows ocorrem das 16h à meia-noite, também com entrada gratuita.

Confira a programação musical dos últimos dias de Acampamento:

19/09 - SEXTA-FEIRA

- 📍 PALCO JAYME CAETANO BRAUN
 - ⌚ 18h • Marcello Caminha
 - ⌚ 19h50min • Os Antigos (Miguel Marques e Nenito Sarturi)
 - ⌚ 21h50min • Grupo Toque de Cordeona
- 📍 PALCO NICO FAGUNDES
 - ⌚ 14h • CTG Roda de Chimarrão
 - ⌚ 14h40min • Declamação - Erico Padilha
 - ⌚ 15h • Trova - Rangel Lacerda x Clódios
 - ⌚ 16h • Paysanos
 - ⌚ 17h • Pepeu Gonçalves

20/09 - SÁBADO

- 📍 PALCO JAYME CAETANO BRAUN
 - ⌚ 15h • Cerimônia de Encerramento Extinção da Chama
 - ⌚ 16h30min • Maria Luiza Benitez
 - ⌚ 18h • Flávio Hanssen
 - ⌚ 19h50min • Cláudio Vargas e Grupo Gana Missionária
 - ⌚ 21h50min • Rogério dos Reis
- 📍 PALCO NICO FAGUNDES
 - ⌚ 14h • CTG Valentes da Tradição
 - ⌚ 15h • Trova - Clódios Rocha x Tetê Carvalho
 - ⌚ 16h • Valdir Verona e Rafael de Boni

- ⌚ 17h • Fofa Nobre

21/09 - DOMINGO

- 📍 PALCO JAYME CAETANO BRAUN
 - ⌚ 17h • Paullo Costa
 - ⌚ 19h • Jairo Lambari Fernandes
 - ⌚ 20h40min • Eduardo Carrão
- 📍 PALCO NICO FAGUNDES
 - ⌚ 14h • CTG
 - ⌚ 14h40min • Declamação - Andrea Eloi
 - ⌚ 15h • Trova - Anderson Brum x Vitor Hugo
 - ⌚ 16h • Pedro Guerra e Nilton Jr.